

5

Partilhando descobertas sobre o Zeppelin: o “rastros oral” e a repercussão da pesquisa

Este capítulo traz os resultados do levantamento do “rastros oral” que a passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil através da partilha da tese. O “rastros oral” no âmbito deste trabalho é composto de relatos baseados em lembranças de quem viu o dirigível e de quem ouviu histórias de pais e avós. Também são relatadas histórias do percurso dessa tese que atestam o fascínio e a curiosidade que o tema Zeppelin desperta.

As estratégias metodológicas utilizadas para coletar esses relatos foram as seguintes:

1. Apresentações do trabalho em seminários e palestras;
2. Cursos ministrados;
3. Missões de estudo;
4. Visita a locais de memória;
5. Divulgação da pesquisa em redes sociais;
6. Partilha da tese para amigos e colegas pesquisadores.

Cada estratégia será detalhada em tópico específico a seguir juntamente com os efeitos.

5.1 Oportunidades de apresentação do trabalho

As palestras, comunicações, cursos ministrados e outras oportunidades de apresentar publicamente os resultados parciais da pesquisa se mostraram como uma eficiente estratégia para a sua divulgação. O objetivo ao divulgar o trabalho publicamente foi receber colaborações na forma de relatos de quem viu o Zeppelin passar ou conhece alguém que viu; e na forma de fontes para complementar a pesquisa.

Ao todo, foram sete apresentações do trabalho nos seguintes eventos:

1. I Reunião do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, FBN (2013);

2. II Seminário Fotógrafos Históricos, UFPel (2013);
3. V Workshop de Pesquisa Memória Gráfica Brasileira, PUC-Rio (2013);
4. III Seminário Internacional Design, Tradição e Sociedade, MGPel (2014);
5. Curso ministrado no projeto PUC-Rio mais de 50 (1º edição - 2014);
6. VII Seminário Internacional em Memória e Patrimônio, UFPel (2014);
7. Curso ministrado no projeto PUC-Rio mais de 50 (2º edição - 2015).

As oportunidades de apresentação elencadas acima aconteceram em fases distintas da pesquisa e para públicos diferentes. Apesar da diferença de circunstâncias e de natureza, todas obedeceram as seguintes ações:

1. Seleção do material levando em conta a natureza do público ouvinte e objetivos do evento onde se faria a apresentação
2. Preparação da apresentação em mídia digital contendo os seguintes itens:
 - 2.1 Apresentação da palestrante (formação, vínculo com o doutorado e grupos de pesquisa), o tema da tese e as oportunidades para desenvolvê-lo. Esse era o momento em que mostrava o percurso da investigação, indicando como o tema surgiu e tornou-se objeto de estudo;
 - 2.2 Apresentação do histórico do dirigível Zeppelin com base no infográfico em forma de linha do tempo desenvolvido para este fim. Esta etapa era composta de cinco fases: antecedentes do dirigível, inauguração e grandes viagens, passagem pelo Brasil e fim da era dos dirigíveis Zeppelins com o acidente com o dirigível Hindenburg.
 - 2.3 Apresentação da amostragem do rastro gráfico da passagem do dirigível pelo Brasil. Esta parte era composta por cerca de 35 a 40 imagens selecionadas do acervo pesquisado. A curadoria focalizou no público ouvinte.
 - 2.4 Fechamento da apresentação, com explanação dos rumos da pesquisa;
3. Abertura de tempo para perguntas feitas pela plateia. Este era o momento de ouvir as impressões sobre o material apresentado,

responder dúvidas e receber indicações de fontes e relatos. Mesmo após o encerramento da palestra, nos intervalos do evento, sempre havia alguém interessado em saber mais a respeito do assunto ou, o mais recorrente, comunicar sua relação com o dirigível através de algum parente ou amigo que viu este passar. Colhi muitas impressões sobre o evento passagem do Graf Zeppelin nesses momentos.

A seguir, comentaremos algumas dessas apresentações realizadas que renderam colaborações em forma de relatos sobre o evento Zeppelin e indicações de fontes para pesquisa.

5.1.1 II Seminário Fotógrafos Históricos (UFPel, 2013)

Fui convidada por uma colega do Projeto de Pesquisa “Memória Gráfica de Pelotas”, a dar uma palestra no evento que ela organizara: "II Seminário Fotógrafos Históricos", no Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS.

Com o tempo de uma hora para falar, procurei dinamizar a apresentação com maior número de imagens e dando ênfase às fotografias publicadas nos impressos até então examinados.

Proferi palestra em abril de 2013, para um auditório de cerca de 60 pessoas, composto por alunos do bacharelado em design gráfico, design digital e interessados no assunto. As perguntas, ao final da palestra, giraram em torno das curiosidades acerca da passagem pelo Brasil, em especial Pelotas – RS.

Alguns meses depois fui convidada pelo jornalista Diego Queijo para colaborar com dados sobre o Zeppelin para uma reportagem do jornal *Diário Popular*, de Pelotas/RS. Diego soube da minha pesquisa através de um colega, fotógrafo do jornal, que estava registrando o seminário.

Esta reportagem revelou que a fotografia do dirigível sobrevoando a Praça Coronel Pedro Osório, no centro de Pelotas, tratava-se de uma montagem, com base no relato do autor desta⁷⁵. Neste relato, foram reveladas as motivações e o

⁷⁵ QUEIJO, Diego. A farsa que entrou na história. *Diário Popular*, Pelotas-RS, 20 set. 2014. Disponível em

processo empreendido para obter a fotografia, que se tornou um registro famoso da passagem do Zeppelin pela cidade: muitas cópias foram vendidas na época em que foi produzida, em 1957, e atualmente continua sendo muito divulgada nas redes sociais.

Meu envolvimento com a produção da reportagem teve como consequência fornecer as especificações da aeronave para que pudesse ser gerado um modelo tridimensional virtual do dirigível e da praça. Tal modelo serviu para comprovar que a fotografia realmente se tratava de uma montagem porque dados como tamanho, posição e altitude do dirigível divergiam da cena fotografada.

No dia em que a matéria foi publicada, 20 de setembro de 2014, com destaque na capa do jornal, muitos amigos e conhecidos entraram em contato comigo e pelas mensagens recebidas conclui que alguns deles não haviam visto a citação do meu nome no texto. Eles se lembraram de mim por saberem que o assunto interessava à minha pesquisa. Cerca de oito amigos compraram um exemplar para guardar para mim, pois eu me encontrava no Rio de Janeiro.

Quanto à repercussão da reportagem, Diego relata que foi bastante positiva. Várias pessoas ligaram para a redação do jornal para elogiar e comentar a reportagem. A matéria também foi reproduzida em outros sites de notícias da cidade. Essa repercussão indica que o assunto ainda desperta curiosidade, mesmo decorridos oito décadas.

Quanto à fotografia que originou a reportagem, ainda que se tratasse de uma farsa, o fato de ter vendido muitas cópias e ser muito compartilhada nas redes sociais indica que o pelotense sentiu-se - ainda se sente - privilegiado por ter sido visitado pela grande aeronave.

5.1.2 V Workshop de Pesquisa Memória Gráfica Brasileira (PUC-Rio, 2013)

Ainda no primeiro semestre de 2013, apresentei os resultados iniciais da pesquisa no evento V Workshop de Pesquisa Memória Gráfica Brasileira. O workshop foi realizado na PUC-Rio nos dias 27 a 29 de maio e reuniu membros das três capitais do projeto de pesquisa “Memória Gráfica Brasileira: estudos

comparativos de manifestações gráficas das cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo” (Procad/Capes). A ênfase foi dada à diversidade das peças e às formas de categorizá-las, o que eu havia deixado em aberto com o objetivo de receber sugestões.

A receptividade da parte dos “memoráveis” foi excelente. Recebi algumas sugestões sobre a condução da pesquisa, sobre fontes bem como formas de classificar e analisar o material. Também alguns elogios sobre a originalidade do assunto e riqueza do material apresentado. Percebi um nítido encantamento dos participantes com o tema.

Até aquele momento ainda considerava outros objetos para a minha pesquisa no doutorado. A partir desta apresentação, decidi focar exclusivamente na passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil como meio de estudo no campo da MGB.

Após ter mostrado meu trabalho, fui apresentada a um colaborador da Cátedra de Leitura da PUC-Rio, estudioso dos meios de transporte inovadores, especificamente o dirigível Hindenburg. Após alguns minutos de conversa, trocamos informações e combinamos um encontro específico para tratar sobre o dirigível. Neste encontro, ele apresentou alguns livros de sua coleção particular. Tive oportunidade de folhear um grande álbum dedicado ao Hindenburg, vindo de Londres, presente de uma amiga do colaborador. Disse-me que era muito grato à amiga pelo presente e que estenderia a gentileza até mim, me presenteando com um exemplar do livro “Zeppelin: a verdadeira história do desastre do Hindenburg” (1973), de Michael Mooney. Este livro tornou-se importante referencial para compor o histórico da era dos dirigíveis. As palavras exatas ditas na ocasião foram: "vou repassar a gentileza a você por que um dia alguém fez isso por mim". Agradei imensamente o gesto. Também levei de empréstimo um DVD com documentário sobre o desastre do Hindenburg.

5.2 Curso “Repercussões gráficas da passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil” no projeto PUC-Rio mais de 50

O projeto “PUC – Rio mais de 50” foi inaugurado em 2014 e trata-se de “um serviço de educação continuada que oferece cursos, oficinas e eventos exploratórios e colaborativos para maiores de 50 anos”. (Rosa, 2015, p.113).

Cada curso, de curta duração, visa atender uma demanda específica deste público promovendo atualização, integração e bem-estar.

As ações do projeto são realizadas em cooperação com o Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção (LABMEMO), da Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio (CCE), dos professores e alunos de pós-graduação da PUC-Rio e do Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE) e abrangem os seguintes domínios: cultura religiosa, atualidades e conhecimentos gerais, arte e entretenimento, revitalização profissional e oficinas digitais.

Como uma integrante do LABMEMO fui convidada a ministrar uma atividade relacionada à minha tese dentro do domínio “atualidades e conhecimentos gerais”.

O curso ministrado, “Repercussões gráficas da passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil”, foi planejado como uma oficina de memória na qual os participantes pudessem compartilhar suas vivências relacionadas à Memória Gráfica Brasileira através da passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil.

5.2.1 O Curso ministrado na 1ª edição do projeto PUC-Rio mais de 50

O primeiro curso teve carga horária de 6 horas (2 aulas de 3 horas cada) e foi realizado nos dias 2 e 4 de dezembro de 2014, das 17h e 30min até as 20h e 30min, na sede do Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE), vizinho ao Campus Gávea da PUC-Rio, Rio de Janeiro-RJ. Objetivo geral⁷⁶ foi o de apresentar o campo da Memória Gráfica Brasileira a partir do estudo de caso da passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil.

Os objetivos específicos foram os seguintes:

- Apresentar origens, objetos, processos e principais nomes e autores da MGB;
- Apresentar breve histórico da passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil;
- Apresentar peças gráficas relacionadas ao evento e discutir sua inserção no cotidiano da época;

⁷⁶ LESCHKO, Nadia Miranda; DAMAZIO, Vera M. M.; CUNHA LIMA, Edna L.O. Proposta do curso “Repercussões gráficas da passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil” para o projeto PUC-Rio mais de 50. Rio de Janeiro: Labmemo PUC-Rio, 2014.

- Promover debate sobre a passagem do Zeppelin com base no conhecimento dos participantes sobre o evento;
- Promover debate sobre memória gráfica com base no material trazido pelos participantes.

O programa das aulas consistiu no seguinte:

1ª Aula – 1ª parte: Apresentação dos professores e dos participantes, Apresentação do campo da Memória Gráfica Brasileira e do escopo do curso. 2ª Parte: Apresentação da passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil. Histórico da aeronave com foco na repercussão de sua passagem pelo Brasil. Ao final da aula foi sugerido que os participantes trouxessem um objeto com o qual tivessem uma relação afetiva.

2ª Aula – 1ª parte: apresentação dos objetos trazidos pelos participantes com ênfase na relação afetiva que tem com eles. 2ª Parte: Apresentação de material gráfico coletado na pesquisa de campo, conforme categorização realizada no desenvolvimento da tese.

O curso foi elaborado para que os participantes se sentissem à vontade para partilhar suas lembranças. Assim, o espaço para realização consistiu de uma sala com uma grande mesa na qual os participantes sentaram-se em volta, podendo conversar entre si e examinar o material didático deixado previamente sobre ela. Outros recursos disponíveis foram telão para apresentação e acesso à internet para visualizar vídeos.

A preparação da primeira parte do curso, que versava sobre MGB, incluiu experiências pessoais da ministrante (apresentação de marcas e peças gráficas que influenciaram na escolha da carreira de designer gráfica) como estratégia para introduzir o assunto memória coletiva. Após, algumas “provocações” foram feitas aos participantes: “E você, do que lembra? Do álbum de figurinhas da Copa de 1970? Dos filmes do Mazaropi? Quem já namorou a bordo de um Aero Willys? E o Amigo da Onça, sempre colocando outros em encrencas”.

Halbwachs (1990) argumenta que frequentemente precisamos de pontos de referência para provocar nossas lembranças. As referências indicadas acima, pesquisadas com base no cotidiano dos participantes quando jovens, foram uma estratégia para apresentar os conceitos de memória coletiva e MGB e tornar esses conteúdos mais próximos e acessíveis a eles.

A mesma estratégia, com base nessa premissa do autor, foi utilizada no preparo da parte da narrativa histórica do Graf Zeppelin. Foram feitas referências a alguns marcos históricos de amplo conhecimento, como, por exemplo, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Fatos de relevo na história brasileira, como a instauração do Estado Novo, foram lembrados de forma a fazer uma ponte entre os fatos apresentados e o conhecimento dos participantes, estimulando a participação destes.

Seguindo a mesma estratégia de tornar o conteúdo mais próximo dos participantes, a curadoria da parte gráfica foi feita com base nas peças mais ilustrativas do cotidiano da época da passagem do dirigível, a década de 1930, sem deixar de ressaltar o conteúdo gráfico. A ideia foi dar um vislumbre dessa época aos participantes de forma a vivenciarem um pouco os anos 1930. Para tornar esse momento mais prazeroso, fazendo com que vivenciassem a sensação de ser um pesquisador em acervos históricos, alguns periódicos e peças gráficas do acervo foram impressos e deixados sobre a mesa para que os participantes pudessem examinar e fazerem suas considerações.

Neste primeiro curso haviam doze participantes, de idades variadas e de formações diversas. Após a provocação inicial, “você viu ou conhece alguém que tenha visto o Zeppelin passar por aqui?”, foi dado tempo para que os participantes se apresentassem e contassem suas motivações e expectativas quanto ao curso.

Dois dos participantes eram muito pequenos na época das viagens do dirigível mas lembravam-se do fato. Outros mostraram-se interessados no curso porque ouviram histórias dos pais e avós que viram o Zeppelin passar. Havia um participante interessado no curso em função de sua profissão, engenheiro mecânico e docente nessa área da PUC-Rio e por sua afinidade com a aeronáutica.

Após algum tempo decorrido da primeira aula, uma participante foi recebida e acomodada. Logo que se ambientou com o ponto tratado, esta senhora, Lea Freire, de 82 anos, declarou ter lembranças sobre a passagem do dirigível e que havia trazido objetos ligados ao evento. A aula foi interrompida sob clima de expectativa entre todos. A medida que desembalava os objetos, Lea contou que seus pais haviam feito uma viagem no Graf Zeppelin, da Alemanha ao Brasil, em 1935. Ela não viajou mas se recorda de tê-lo visto no aeroporto de Santa Cruz quando foi despedir-se de seus pais. Apresentou, então, os objetos: um prato

decorativo comprado a bordo do dirigível (fig. 87) e uma carteira de prata com função de relicário (fig. 88). Neste momento os outros participantes – assim como eu - ficaram extasiados com os relatos partilhados e com a materialização deles: os objetos. O prato apresenta desenho em tons de azul do Zeppelin sobrevoando uma cadeia de montanhas com o lago abaixo. A representação da aeronave é bem detalhada. Abaixo do desenho há o emblema da empresa Luftschifbau Zeppelin e nome da aeronave. A orla do prato é decorada com borda espessa em tons de ouro e púrpura. Nada no prato indica a passagem do tempo. Está em excelentes condições.

O prato foi passado de mão em mão, com extremo cuidado. Todos os participantes ficaram impressionados com o objeto e os comentários giraram em torno da conservação e da beleza do artefato: “parece que foi produzido ontem!” - afirmou um dos presentes, “que lindo!” - exclamou outra. Outros comentários versavam sobre o valor do prato enquanto suporte de memória. Notei, com base nos comentários feitos que, apesar de ter apresentado várias manifestações gráficas da era do Zeppelin, esse prato adquiriu um status de evidência real desse passado para os participantes. Corroborava para isso as lembranças associadas a ele.

O segundo artefato, a carteira-relicário (fig. 88), também circulou entre os participantes. Tratava-se uma lembrança confeccionada em prata que trazia impressa na tampa um mapa com a rota do dirigível. Na parte interna havia três retratos: pai e mãe de Dona Lea e um retrato dela, contando com idade de cinco anos.



Figura 87 – Prato Graf Zeppelin. Fonte: Acervo Lea Vianna



Figura 88 – Carteira-relicário. Lembrança comprada a bordo do Graf Zeppelin, 1935. Fonte: Acervo Lea Vianna

Em janeiro de 2016 entrei em contato com Dona Lea e nos encontramos novamente para uma entrevista, pois queria detalhes sobre suas lembranças. Fiz uma única pergunta: o que a senhora se lembra da passagem do dirigível?

Dona Lea me relatou que morava na Lapa na época das viagens do Zeppelin. No edifício onde morava havia um terraço onde viu o dirigível passar. Lembra-se da ida até o aeroporto de Santa Cruz para despedir-se dos seus pais, que embarcaram no dirigível com destino à Europa, em 1935. Salientou que na época as pessoas comentavam que viajar de Zeppelin era um ato de coragem e que para seus pais – e para ela – não havia nada de incomum em viajar de dirigível.

Suas lembranças são relatos partilhados de sua mãe, passageira do dirigível. Uma dessas lembranças está relacionada às cabines do dirigível:

Então a cabine era mais ou menos de seda, que separava uma cabine da outra. Ela disse que quando você estava deitado dormindo você sentia o corpo do outro lado.

Outra lembrança diz respeito às trocas de malas postais durante o voo. Dona Lea disse-me que sua mãe achou a viagem um tanto monótona e que a única novidade era ver as trocas de malas postais:

(...) passavam o dia inteiro jogando cartas e tinha um dia, quando atravessavam o Atlântico, que tinha o correio aéreo. Então vinha o aviãozinho e todos os passageiros eram chamados para ver, que era uma novidade, a era a única coisa que tinha para fazer lá... eles iam lá para ver o aviãozinho e eles jogavam a mala do correio para o avião e o aviãozinho ia embora.

Respondi a Dona Lea que não sabia dessas informações. De fato, após exaustiva pesquisa em livros, jornais e revistas, não havia me deparado com tais informações. Nem poderia. Os relatos de Dona Lea estão fundamentados nas histórias que sua mãe vivenciou nessa viagem. São lembranças pessoais, que nos trazem um retrato mais fresco dos que os encontrados em livros e periódicos.

Voltando ao curso, na mesma aula, outro fato mereceu atenção: quando comentei sobre as especificações do dirigível, mais precisamente sobre a marca dos motores do mesmo, *Maybach*, o participante professor de engenharia mecânica, estudioso da aeronáutica, afirmou que desconhecia o uso dessa marca de motores para este fim. Nesta oportunidade, aproveitou para sanar minha dúvida quanto à altitude de voo do dirigível. O professor explicou que ele voava baixo em tempestades para adquirir mais potência nos motores uma vez que quanto maior a altitude, mais rarefeito se encontra o ar, reduzindo a potência deles. Na

aula seguinte, ele trouxe para apreciação de todos, fotos impressas dos motores do dirigível, explicando seu funcionamento.

Este professor seguiu colaborando com a pesquisa fornecendo fontes através da rede social Facebook.

5.2.2 O Curso “Repercussões gráficas da passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil” ministrado na 2ª Edição do projeto PUC-Rio mais de 50

O curso na segunda edição do Projeto PUC-Rio mais de 50 realizou-se nos dias 8 e 10 de julho de 2015, na sala do Laboratório Design, Memória e Emoção (LABMEMO), no Instituto de Pesquisa em Design desta universidade. A estrutura foi semelhante: uma grande mesa onde os participantes pudessem interagir e examinar o material à vontade mas com o diferencial de poder contar com dois computadores de tela grande para alternar entre apresentação e vídeos.

A adesão foi um pouco menor. Esta versão do curso contou com quatro participantes, tornando o curso intimista. Os motivos do interesse dos participantes giraram em torno da temática aeronáutica, como um casal que se interessou porque a filha trabalha em uma companhia aérea, tendo recomendado aos pais que buscassem conhecer a história do Zeppelin. O curso também contou com a participação de Marcus Stadler, colecionador de artefatos relacionados ao dirigível e ao Sindicato Condor.

O acervo de Stadler é composto de fotografias da construção do hangar em Santa Cruz, documentos, revistas, postais, anúncios das viagens, entre outros documentos. O motivo da reunião desse acervo tem relação com seu pai, que foi piloto do Sindicato Condor na época das viagens do dirigível. Seus relatos versam sobre o início das operações aéreas no Brasil através do Sindicato Condor e também sobre os motivos do desmonte das operações deste na América Latina, conforme mencionado no capítulo 3.

5.3 Visita a lugares de memória

Pierre Nora (1993, p. 21) define lugares de memória como sendo locais em que somos convidados a nos lembrar porque são investidos pela imaginação de uma aura simbólica. O hangar que abrigou os dirigíveis Graf Zeppelin e

Hindenburg, atualmente pertencente à Base Aérea de Santa Cruz, Rio de Janeiro, é um desses locais (fig. 89). Inevitável não tomar contato com a monumentalidade das aeronaves ao visualizar este hangar e, por conseguinte, transportar-se através da imaginação para os tempos em que este recebia os grandes dirigíveis (fig. 90).

A primeira oportunidade de visita ao hangar foi a convite da professora Edna Lúcia Oliveira da Cunha Lima, para participar de evento comemorativo do dia da Aviação de Caça no Brasil, no qual seu pai, o Major-Brigadeiro Fortunato Câmara de Oliveira, receberia uma homenagem póstuma, em 22 de abril de 2013. Na chegada para este evento, fomos recepcionados por uma suboficial que mostrou-se interessada em me mostrar o hangar, em outra oportunidade. Anotei seus contatos e parti para um passeio pela parte interna e externa do edifício. Ao passar pelos grupos reunidos no interior do hangar pude perceber que comentavam a respeito da sua monumentalidade e das aeronaves que abrigava, com um misto de encantamento e curiosidade.



Figura 89 – Hangar do Graf Zeppelin e Hindenburg. Base Aérea de Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ, 2013. Fotografia da autora.

Na segunda oportunidade de visita ao hangar, fiz um longo passeio pelas instalações acompanhada da suboficial que nos recepcionou em abril de 2013. Durante todo o passeio fui informada do funcionamento do local na época dos dirigíveis. Observamos alguns vestígios dos trilhos do trem que conduzia os

passageiros das aeronaves até o centro da cidade. Passeamos pelo entorno dos tanques de abastecimento de gás, indispensável para a flutuação das aeronaves. No passeio pela parte interna do hangar, ao pararmos em frente aos motores que tinham por função abrir e fechar as monumentais portas do hangar, perguntei à suboficial se estes poderiam funcionar novamente. Estava presente nesta ocasião outro militar que ouviu a pergunta e, acionando o motor de uma das portas, fez uma pequena demonstração do funcionamento. Nesta ocasião, fez questão de ressaltar que os motores estavam por fazer aniversário de 80 anos e, como eu pude verificar, ainda funcionavam, além de ele ter dado ênfase para a qualidade do material empregado em todas as instalações e maquinário. “Isso não existe mais” disse-me.

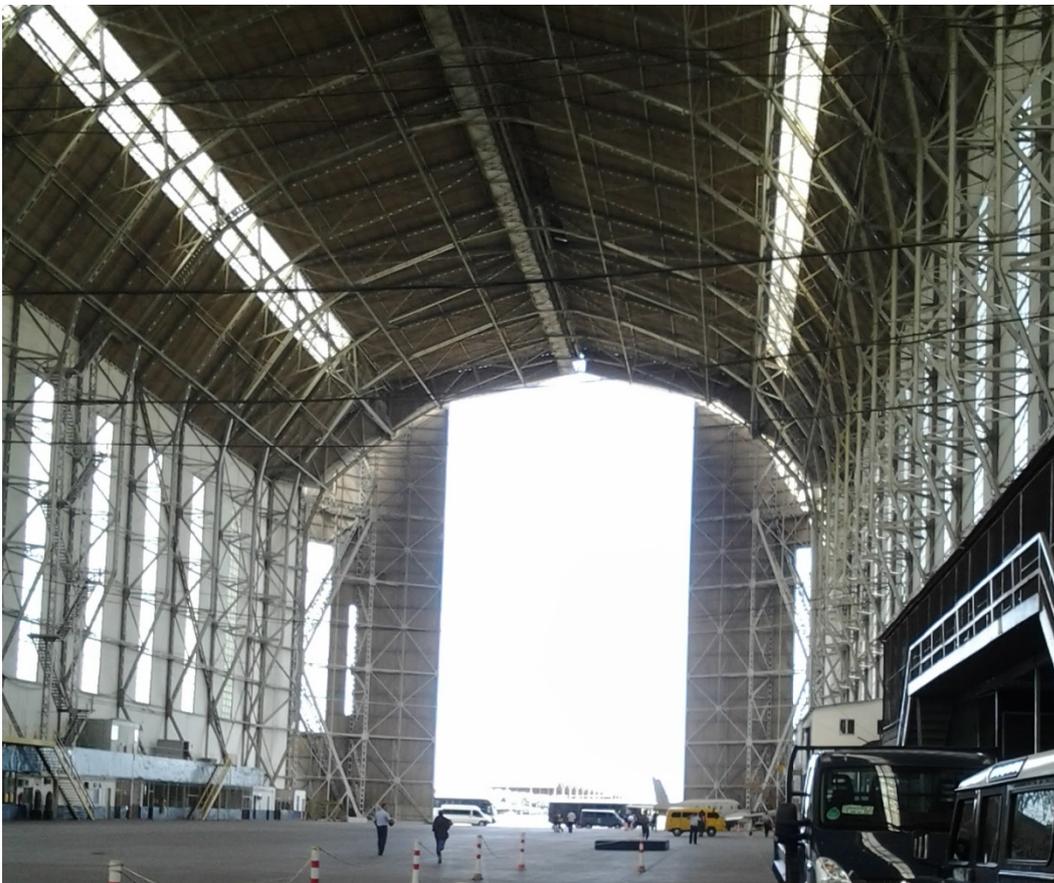


Figura 90 – Hangar do Graf Zeppelin e Hindenburg, visto por dentro. Base Aérea de Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ, 2013. Fotografia da autora.

Outro lugar de memória visitado foi a torre de atracação do dirigível localizada no bairro do Jiquiá, em área pertencente à Marinha de Guerra do Brasil, no Recife, na segunda missão de estudos realizada em março de 2015, com meios

próprios (a ser detalhada no próximo item). Uma das motivações de retorno à cidade foi esta visita especial à única torre de atracamento que restou no mundo (fig. 91).



Figura 91 – Parque Cultural e Científico do Jiquiá – Torre de atracamento do Graf Zeppelin. Recife/PE, 2015. Fotografia da autora.

Esta torre foi construída em 1930 para a primeira vinda do dirigível ao Brasil. Em 1932 foi realizada uma reforma para instalação de uma torre telescópica a fim de viabilizar o abastecimento do dirigível Hindenburg, ainda em construção. Após o encerramento das viagens dos dirigíveis em 1937, a torre ficou

esquecida até 1981 quando foi tombada⁷⁷. No entanto ela precisava de restauro. Esse serviço foi iniciado em 2007 e finalizado em 2013⁷⁸ com vistas à instalação de um parque de visitação e museu do local e do Zeppelin⁷⁹.

Quando fiz a visita à torre, ao sair do taxi que me conduziu ao campo do Jiquiá, notei que havia um grupo de policiais à paisana, a poucos metros de distância da torre. O campo do Jiquiá abriga uma unidade da Polícia Militar de Pernambuco, sendo, portanto, um local de presença de policiais. Ao me verem fotografar a torre sob vários pontos de vista, ouvi comentários da parte deles que versavam sobre da torre atrair muitos visitantes estrangeiros: “Vem muita gente da Alemanha, Europa, porque esta é a torre do Zeppelin. Ela é muito importante, pois parece que é a única”. Esse relato espontâneo e casual demonstra o impacto que o evento teve na memória coletiva recifense.

5.4 2ª Missão de estudos ao Recife

Relembrando informações apresentadas na introdução da tese, a primeira missão de estudos ao Recife foi realizada em 2012, com apoio do projeto de pesquisa Memória Gráfica Brasileira, que resultou na escolha do tema de pesquisa.

A segunda missão de estudos ao Recife teve outras motivações além da visita à torre do Jiquiá: refazer os passos da primeira missão⁸⁰, com mais profundidade; ter novas oportunidades de partilhar o trabalho e, com isso, receber novas colaborações como histórias pessoais. Esta nova missão, realizada em

⁷⁷ Torre de Atracação dos Zeppelins. Processo de tombamento Fundarpe N 0.314-A/1981

⁷⁸ Torre do Zeppelin. Jobson Figueiredo. Disponível em:

<<http://www.jobsonfigueiredo.com/restauracoes/torre-do-zeppelin.html>> Acesso em 10 jan. 2016

⁷⁹ Parque Científico e Cultural do Jiquiá pode mudar a vida das comunidades do entorno. Informativo, Recife, 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://informativo.com.br/parque-cientifico-e-cultural-do-jiquia-pode-mudar-a-vida-das-comunidades-do-entorno/>> Acesso em 09 jan. 2016

⁸⁰ A primeira missão de estudos realizada ao Recife teve os seguintes propósitos: Conhecer o acervo gráfico da cidade do Recife através de visita aos locais onde ele se encontra tais como Biblioteca Pública de Pernambuco, Fundação Joaquim Nabuco (acervos bibliográfico e iconográfico) e Universidade Federal de Pernambuco; levantar dados acerca das manifestações gráficas típicas da cultura impressa pernambucana no âmbito da tipologia, características da linguagem e da produção; investigar como fatos (e/ou eventos) culturais, políticos e econômicos repercutiam graficamente na cidade do Recife em fins do século XIX e início do século XX que propiciem análise comparativa com impressos do Rio de Janeiro; conhecer o trabalho dos pesquisadores e buscar parâmetros de análises gráficas através de contato com a equipe associada da UFPE do projeto “Memória Gráfica Brasileira: Estudos comparativos de manifestações gráficas nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo”. (Fonte: LESCHKO, Nadia M.; DAMAZIO, Vera M.M. Plano de estudo para missão Recife. Rio de Janeiro: Labmemo PUC-Rio, 2012)

quinze dias, foi bem sucedida: conversei com muitos administradores e colaboradores de acervos e centros culturais. Através deles conheci colecionadores e pessoas ligadas ao movimento de construção de uma identidade para o Recife, como cidade do Zeppelin, e conversei com pesquisadores locais da Memória Gráfica Brasileira.

As colaborações vieram na forma de material gráfico e na forma de relatos que indicam que a passagem do dirigível deixou muitas lembranças nos recifenses, conforme pudemos comprovar pelo comentário feito por um dos policiais na ocasião da visita à torre.

Merece destaque a iniciativa realizada em 1997, denominada “Recife – cidade do Zeppelin” e organizada pelo “grupo do Zeppelin” composto de representantes de órgãos públicos e privados. O objetivo dessa iniciativa foi “resgatar a memória dos Zeppelins no Recife, primeira base operacional da rota Europa – América do Sul (1930-1937)” (...) ⁸¹. O projeto consistiu de uma exposição temática, elaboração de um vídeo, um seminário sobre a tecnologia de dirigíveis e edição de um livro documentário. Tivemos acesso ao vídeo que apresenta algumas cenas da chegada do Zeppelin ao Recife bem como o alvoroço causado.

A descoberta desta iniciativa motivou uma pesquisa sobre como a passagem do dirigível é lembrada. Para tanto, recorri à imprensa novamente. Destaco alguns episódios em que o dirigível foi matéria nos jornais locais e como foi lembrado.

No ano que se completou 50 anos da passagem do Graf Zeppelin pelo Recife, em 1980, o jornal *Diário de Pernambuco* (PE) ⁸² publicou matéria alusiva ao evento um dos atributos simbólicos do dirigível, visão de futuro, e classificando-o como uma “maravilha” que a cidade teve oportunidade de receber. Na página encontra-se em destaque a já referida fotografia do dirigível sobrevoando a torre do referido jornal, durante sua primeira vinda.

A cidade viveu outra oportunidade de lembrar a estada do dirigível no Recife em setembro de 1981, quando recebeu um grupo de quinze ex-tripulantes

⁸¹ Projeto Recife: cidade do Zeppelin, jan. 1997 - 8f. Fonte: Biblioteca Banche Knopf - Fundaj

⁸²ROCHA, Tadeu. A visita do futuro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 mar. 1980, Seção D, p. 1. Fonte: HDB-FBN

do Graf Zeppelin. Estes vieram com o objetivo de revisitar os tempos passados revendo o local de pouso do dirigível na cidade, o campo do Jiquiá, e refazendo os passeios turísticos pelo Recife. O governador do Estado de Pernambuco nesta ocasião, Marco Maciel, recebeu os tripulantes em audiência especial no Palácio do Campo das Princesas, no dia 16 de setembro de 1981. As passagens abaixo ilustram a importância da visita para Recife e Pernambuco:

A visita dos senhores ao Recife e a Pernambuco – disse o governador – evoca um passado tão caro a todos nós e estimula o nosso desejo de preservar a memória de fatos tão importantes. (Alemão tem fotos e selos raros do Graf. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17/09/1981, p. A-12. Fonte: HDB-FBN)

As matérias publicadas no *Diário de Pernambuco* (PE) falam em “viagem sentimental”⁸³ e dão destaque à emoção dos tripulantes ao retornar ao Recife 50 anos depois da primeira viagem:

(...) [Eugen Grober] Disse que tudo mudou na cidade, mas a recordação do campo de pouso lhe fez muito bem. Lamentou que outros companheiros da viagem não estivessem presentes para sentir a emoção da viagem sentimental que estão realizando. (*Diário de Pernambuco*, 16/09/1981)⁸⁴

Nesta oportunidade, uma exposição foi aberta no Museu da Imagem e do Som de Pernambuco com fotografias, selos, monografias, recortes de jornais da época, correspondências transportadas pelo Zeppelin e uma réplica do dirigível⁸⁵.

Destaco, também, a reportagem publicada no *Jornal do Commercio* (PE), em 12/06/2013⁸⁶, por ocasião da finalização do restauro da torre, realizada pelo escultor Jobson Figueiredo, que relata a passagem do dirigível através de fotografias de objetos de sua coleção, como selos, postais e louças.

Em 22 de maio de 2015, por ocasião do aniversário de 85 anos da chegada do Zeppelin ao Recife, este mesmo escultor, Jobson Figueiredo, lançou um livro de postais da sua coleção com curadoria do historiador Dirceu Marroquim⁸⁷. Na

⁸³RIBEIRO, Maria Helena. Numa viagem sentimental, tripulantes do Zeppelin voltam hoje a Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 set.1981, seção B, p. 1. Fonte: HDB-FBN

⁸⁴Saudade do silêncio na visita ao Jiquiá. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 set.1981, p. A-10. Fonte: HDB-FBN

⁸⁵Flagrantes. *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 set.1981, p. A-20. Fonte: HDB-FBN

⁸⁶ALVES, Cleide. Memória eterna do Zeppelin. *Jornal do Commercio*, Recife, 12 jun. 2013. Disponível em:

<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/06/12/memoria-eterna-do-zeppelin-86299.php>> Acesso em 21 mar. 2015

⁸⁷Livro e exposição resgatam a passagem do Zeppelin pelo Recife. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 mai.2015. Disponível em

ocasião, acontecida no Museu da Cidade do Recife, também foi aberta uma exposição com imagens que compõem o livro, intitulado “O Zeppelin no Recife”.

Também em comemoração aos 85 anos dessa passagem, os relatos da primeira viagem foram lembrados em artigo publicado pelo historiador recifense Leonardo Dantas, no *Diário de Pernambuco*, 19/05/2015⁸⁸. O referido artigo é rico em detalhes pitorescos da passagem. Apresenta um retrato bastante nítido da reação do recifense ao receber a aeronave.

Após identificar e analisar algumas das matérias publicadas na imprensa, podemos concluir que a passagem do Graf Zeppelin não foi esquecida na cidade do Recife. O conteúdo das reportagens sugere que a cidade tem uma relação afetiva com o dirigível.

5.5 “Lembrei de você”

Este tópico apresenta retornos obtidos através da partilha da tese com amigos, familiares, colegas de pesquisa em encontros informais e em redes sociais.

O título do tópico, “lembrei de você”, faz alusão às colaborações para a minha tese informadas em conversas, via e-mail ou redes sociais, como exemplificado no post feito via Facebook (fig. 92):

<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/05/19/internas_viver,577195/livro-e-exposicao-resgatam-a-passage-do-zeppelin-pelo-recife.shtml> Acesso em 10 jan. 2016.

⁸⁸ SILVA, Leonardo Dantas. Chegada do Graf Zeppelin ao Recife completa 85 anos. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 mai. 2015. Disponível em <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/05/19/interna_vidaurbana,577161/chegada-do-graf-zeppelin-ao-recife-completa-85-anos.shtml> Acesso em 10 jan. 2016.



Figura 92 – Captura de tela de postagem no Facebook, acesso em 15 nov. 2015.

O interesse pela minha pesquisa e a motivação em enviar colaborações não seriam possíveis se o tema da tese não tivesse alguns ingredientes que o tornaram memorável: uma aeronave inovadora e monumental, uma história cheia de reviravoltas, decepções e triunfos - sendo que nosso país foi um dos palcos desse enredo - e uma tragédia impactante que comoveu o mundo e intriga especialistas até os dias de hoje: o acidente/sabotagem do dirigível Hindenburg. Esses ingredientes tornaram a pesquisa irresistível à curiosidade de todos que tiveram contato com o tema.

Sempre procurei relatar as descobertas da pesquisa para amigos, familiares, colegas pesquisadores, quem mais perguntasse e não perguntasse sobre minha tese. Fazia questão de sanar dúvidas com o máximo de dados apurados. As perguntas sem respostas foram uma motivação para pesquisar mais e com isso preenchi lacunas no trabalho.

O primeiro retorno obtido do partilha da tese surgiu ainda no Recife, em 2012, nos primórdios da investigação sobre o tema, na missão de estudos promovida pelo projeto de pesquisa MGB. Comentei com o professor orientador da missão sobre as descobertas que havia feito nos acervos, relativas ao rastro gráfico da passagem do dirigível pelo Recife. Ele exclamou: “Ah! meu pai viu ele passar!”. Essa primeira reação, demonstrando encantamento com o tema, se

tornou costumeira nestes três anos e seis meses de pesquisa com o assunto Zeppelin. A primeira conclusão que tirei dessas reações é que o evento ficou registrado na memória coletiva como algo belo, encantador e positivo. As pessoas não teriam esse tipo de reação se o tema fosse uma das grandes guerras, por exemplo, apesar da curiosidade que elas suscitam. Soma-se a isso a indicação de relação pessoal com o evento: seu pai havia visto o dirigível e lhe contado histórias a respeito. Essa relação indica a afirmação de uma identidade e a confirmação do impacto dele para a memória coletiva: o sentimento de privilégio por fazer parte de um grupo exclusivo que tem alguma relação direta com o evento.

Outros retornos vieram através de fontes e notícias publicadas na imprensa através dos meios eletrônicos: e-mail e facebook.

Outro modo de divulgação do trabalho foi através das redes sociais, em especial o Facebook. Nos primeiros meses de pesquisa com o evento Graf Zeppelin na Fundação Biblioteca Nacional postei uma mensagem no meu perfil nessa rede social solicitando colaborações para a pesquisa (fig. 93):

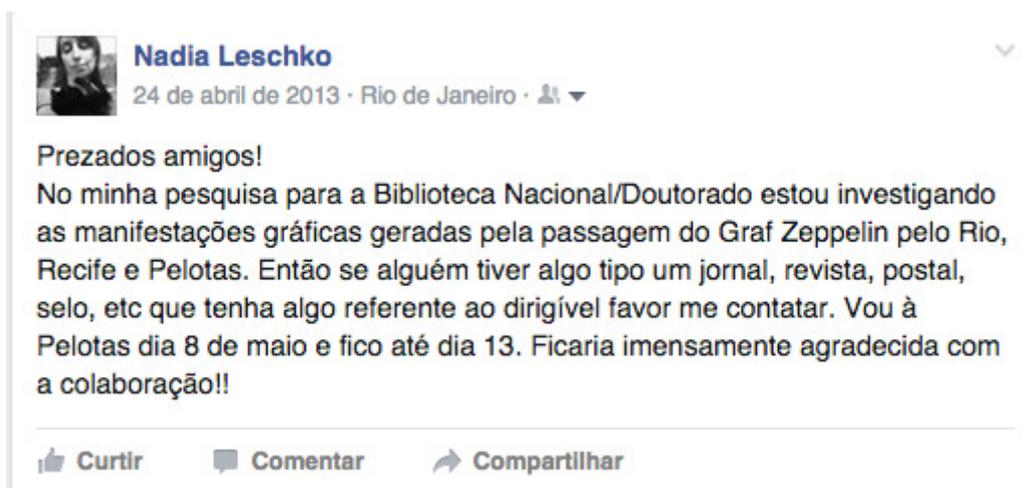


Figura 93 – Captura de tela de postagem no Facebook, acesso em 15 nov. 2015.

Recebi alguns retornos nessa oportunidade. Um deles demonstrando interesse em colaborar com a identificação de fontes para a pesquisa.

Os retornos mais significativos surgiam quando uma notícia sobre o dirigível saía na imprensa e quando os amigos dessa rede social se deparavam

com uma fotografia do mesmo em algum site da internet, como demonstrado na postagem (fig. 94):



Figura 94 – Captura de tela de postagem no Facebook, acesso em 15 nov. 2015.

Analisando minha *timeline* no Facebook contabilizei 17 postagens de amigos entre junho de 2014 e julho de 2015 contendo fotografias, matérias publicadas na imprensa e divulgação de grupos com a temática. As frases mais utilizadas para comentar a postagem foram “lembrei de você”, “já conhece isso?” ou “viu isso?”, no caso de fotografias e matérias publicadas na imprensa.

Outras colaborações foram recebidas via e-mail, *Messenger* e *WhatsApp*.

5.6 Considerações sobre o capítulo: a pesquisa não para aqui

Ao finalizar esse capítulo, posso concluir que o assunto Zeppelin desperta interesse genuíno. As pessoas se sentiram motivadas a compartilhar histórias comigo e colaborar com a tese. As estratégias de partilha da pesquisa não teriam funcionado se o tema não despertasse fascínio e curiosidade.

Sobre o “rastros oral”, essas lembranças compartilhadas trouxeram outras perspectivas do evento. Informações que nenhuma bibliografia ou periódico poderia fornecer porque são relatos pessoais.

As colaborações recebidas, tanto na forma de relatos como em indicação de fontes foram importantes para a construção dessa tese e indicam uma forma de atuar no campo da Memória Gráfica Brasileira.

Através dos contatos realizados, posso afirmar que a pesquisa não se concluiu com o término da tese. Ainda há interessados em me relatar suas histórias com o dirigível. Será uma pesquisa com muitos desdobramentos futuros.